

MEMORIAL FREI TITO



MEMORIAL FREI TITO

*"Apenas um momento passado? Muito mais, talvez:
alguma coisa que, comum ao passado e ao presente,
é mais essencial do que ambos".*

Marcel Proust

Tito de Alencar Lima nasceu no dia 14 de setembro de 1945, em Fortaleza. Envolvido no compromisso político através do evangelho, assumiu a direção da JEC (Juventude Estudantil Católica) em 1963, e foi morar em Recife. Em 1966, Tito entrou no noviciado do Convento da Ordem dos Dominicanos, em Belo Horizonte. Transferido, no ano seguinte, para o Convento de Perdizes, começou a ter militância no movimento político de São Paulo.

Em outubro de 1968, frei Tito foi preso por estar participando de um congresso clandestino da União Nacional dos Estudantes em Ibiúna. Ficou fichado na polícia e tornou-se, de modo mais explícito, alvo da repressão militar, que pouco a pouco alargava seu poder de atuação. Basta lembrar que, no final daquele ano, a ditadura lançou o Ato Institucional n. 05.

Depois de se livrar da prisão, Tito continuou na sua rotina de membro da Ordem dos Pregadores, pensando sobre as implicações do caminho que

havia escolhido e na busca de mais coragem para segui-lo. O tempo passava e sua opção exigia mais engajamento e muito mais cuidado com o que fazia o deixava de fazer.

Do dia três para o dia quatro de novembro de 1969, a equipe do delegado Fleury invadiu o convento dos dominicanos. Entre os que foram presos estava frei Tito. Era acusado de participar da organização do encontro clandestino da UNE, que acontecera no ano anterior. No início de 1970, frei Tito foi torturado nos porões da "Operação Bandeirantes". Na tentativa de evitar o absurdo que era diariamente praticado pelo regime militar, e movido por uma extraordinária coragem, ele escreveu, ainda na prisão, a narrativa do indizível. Descreveu as torturas sofridas e assegurou que no país estava se criando uma máquina de triturar homens e mulheres. Em pouco tempo, o documento correu pelo mundo e se transformou em símbolo na luta pelos direitos humanos. Ao terminar sua denúncia, frei Tito assim se manifestou:

"É preciso dizer que o que ocorreu comigo não é exceção, é regra. Raros os presos políticos brasileiros que não sofreram torturas. Muitos, como Schael Schreiber e Virgílio Gomes da Silva, morreram na sala de tortura. Outros ficaram surdos, estereis ou com outro defeito físico. A esperança desses presos coloca-se na Igreja, única instituição brasileira fora do controle estatal-militar. Sua missão é defender e promover a dignidade humana.

Onde houver um homem sofrendo, é o Mestre que sofre. É hora de nossos bispos dizerem um BASTA às torturas e injustiças promovidas pelo regime, antes que seja tarde.

A Igreja não pode omitir-se. As provas de tortura trazemos no corpo. Se a Igreja não se manifestar contra essa situação, quem o fará? Ou seria necessário que eu morresse para que alguma atitude fosse tomada?

Num momento como esse, silêncio é omissão. Se falar é risco, é muito mais um testemunho. A Igreja existe como sinal e sacramento de Deus no mundo. Faço esta denúncia e este apelo a fim de que se evite amanhã a triste notícia de mais um morto pelas torturas.

No início de 1971, quando tomava conhecimento que seria deportado para o Chile, Tito escreveu para um dos companheiros do presídio: *"...reuniremos os grandes ideais que o futuro do povo brasileiro tanto anseia: a construção do socialismo. E só os verdadeiros homens é que foram chamados para este grande ideal. Contra isso, nada vence; nem tortura e nem perseguições..."* (citado por: Betto, frei. "Batismo de Sangue". São Paulo: Editora Casa Amarela, 2000, p. 272)

Depois de passar alguns meses no Chile, sob a ameaça de ser novamente perseguido, frei Tito embarcou para a Itália. Em Roma, não encontrou acolhimento, pois era considerado um "frade terrorista". Ser negado naquela circunstância foi uma punhalada pelas costas, mas o que importava, na sua fé que havia percorrido tantas outras provações, era continuar, vencer o desafio com o futuro, apesar do passado. De Roma pegou o rumo de Paris. Lá, encontrou o tão esperado refúgio. Recebeu o abraço dos dominicanos e respirou mais aliviado. Mas a angústia continuava...

A maldição profética da repressão estava lentamente se realizando. Durante as sessões de tortura, naquele pavoroso início de 1970, o capitão Albernaz

havia dito: "Se não falar será quebrado por dentro, pois sabemos fazer as coisas sem deixar marcas visíveis. Se sobreviver, jamais esquecerá o preço de sua valentia".

Em terra estrangeira, sentia-se perseguido. Ouvia vozes do Fleury e imaginava o risco de novas torturas. Ainda pior era pensar que alguém de sua família poderia cair nas malhas da repressão. Na luta para negar a memória do absurdo e inverter a fome de morte do capitão Albernaz, frei Tito começou a frequentar o tratamento psiquiátrico. Melhorava e piorava, na agoniada alternância entre prisão e liberdade diante do passado. Ficava evidente que haviam feito o prometido: a sua humanidade estava "quebrada por dentro".

No natal de 1973, ele recebeu, no convento de Lyon, a visita de sua irmã, Nildes Alencar. Era mais um apoio da família, que poderia reverter o tempo do corpo dilacerado. Mas as oscilações continuavam, os pedaços não conseguiam se juntar.

No dia 10 de agosto de 1974, um morador dos arredores de Lyon encontrou o corpo de frei Tito, suspenso por uma corda. A imagem - que em princípio seria um suicídio - tornou-se enigma. Dialética sem síntese, na peleja da pergunta evidente e indizível. Ficou à sombra de um álamo, como fruto que espera de cair na terra, para virar semente. Sua agonia foi acima do chão, exatamente na terceira margem do rio, como mistério para todo sempre.

Foi enterrado no cemitério dominicano *Sainte Marie de La Tourette*, em *L'Arbresle*. Na cruz, ficou escrito: *Frei da Província do Brasil. Encarcerado, torturado, banido, atormentado... até a morte, por ter proclamado o Evangelho, lutando pela libertação de*

seus irmãos. Tito descansa nesta terra estrangeira. “Digo-vos que, se seus discípulos se calarem, até as pedras clamarão”. (Lucas 19:40)

No dia 25 de março de 1983, o corpo de frei Tito chegou ao Brasil. Era desejo da família ter seu túmulo na cidade onde ele havia nascido. A legenda *Tito descansa nesta terra estrangeira* foi substituída por *Tito hoje descansa junto ao seu povo*.

Antes de chegar à Fortaleza, passou por São Paulo, onde foi realizada, no mesmo dia 25 de março, uma celebração litúrgica em memória de dois mortos pela ditadura de 1964: o próprio frei Tito e Alexandre Vannucchi. Cercado por bispos e um numeroso grupo de sacerdotes, D. Paulo Evaristo repudiou a tragédia da tortura em missa de corpo presente. Na catedral, havia mais de 4.000 pessoas.

Durante a liturgia, a fala do advogado Mário Simas vislumbrou cintilações da poética que havia na memória do futuro. Destacou que, apesar do sofrimento encravado na recordação, as histórias de Tito e Alexandre eram “símbolos de uma nova época”: morreram em nome da vida, da liberdade, e deixaram às outras gerações coragem para denunciar e combater a opressão. Mostraram que o absurdo acontece, que é preciso estar atento. Ao concluir, Mário Simas fez um rito de passagem: “obrigado, pois, Alexandre e Tito, em nome de minha geração, de meus filhos, de meus netos, pela santa oferenda”. (Jornal “O São Paulo”, abril de 1983)

No artigo *A radical humanidade de frei Tito de Alencar*, publicado na Folha de São Paulo, em agosto de 1999, Fernando Gabeira lembrou os 25 anos da morte de frei Tito, ressaltando que foi gerada, apesar de tudo, uma memória do futuro: “...essa energia que passa pelos tempos e faz você olhar sua

filha (...) e ter vontade de lhe contar histórias de pessoas como frei Tito e outras maravilhosas figuras da resistência.”

Se hoje nos interessa estudar a vida de frei Tito é porque sentimos que a poética de Walter Benjamin continua atual: “articular historicamente algo passado não significa reconhecê-lo ‘como ele efetivamente foi’. Significa captar uma lembrança como ela fulgura num instante de perigo. (...) Captar no pretérito a centelha da esperança só é dado ao historiador que estiver convicto do seguinte: se o inimigo vencer, nem mesmo os mortos estarão a salvo dele.” (Benjamin, Walter. “Teses Sobre Filosofia da História”)

A vida e a morte de frei Tito podem gerar memórias que invertem o tempo: criam linhas de força que permitem o devir do passado e a escrita de uma história social.

Longe de querer o “resgate da memória”, o que interessa é a potência de futuro encontrada no passado. Nos nossos sonhos é necessário lembrar a paixão segundo frei Tito, dizendo-lhe que, apesar de tudo, a história continua. Emerge, portanto, a recordação que provoca o acasalamento com o devir: memória aberta para acolher a intensidade de vida que frei Tito deixou para nós. É com esse rumo que estamos criando, no Museu do Ceará, o *Memorial Frei Tito*.

A abertura do *Memorial* reforça o sentido que se tem dado ao papel educativo do Museu do Ceará. Ter uma sala dedicada à vida de frei Tito significa dar continuidade ao projeto de fazer o estudo da história como campo de reflexão criativa, que vai ao passado através do presente, e que por isso mesmo se sente responsável pela construção do futuro

em aberto. É uma tomada de posição diante da multiplicidade de relações entre memória e esquecimento na geração de conhecimento histórico. É por isso que acreditamos na fertilidade entranhada no ato de abrir ao público o acervo de documentos sobre um dos mais importantes nomes da luta pelos direitos humanos, lembrado não só no Brasil, mas em muitos outros países.

A partir da doação de objetos e outros documentos históricos realizada pela família de frei Tito, o *Memorial* enfoca a vida de um homem radical, demasiadamente humano, como diria Nietzsche. Aborda uma luta individual e coletiva. Com isso, não se cria nem se confirma a existência de um herói ou coisa parecida, pois o que interessa é seguir os parâmetros e desafios de se construir uma história social, comprometida com os rumos da sociedade na qual vivemos e atuamos. O intuito é estudar a historicidade de frei Tito, ou melhor, a sua vida no diálogo entre passado e presente – esse lugar de interseção temporal onde optamos e fazemos a história nossa de cada dia.

Francisco Régis Lopes Ramos
Diretor do Museu do Ceará e
Professor de História da UFC.

Quando secar o rio de minha infância
secará toda dor.

Quando os regatos límpidos do meu ser secarem,
minh'alma perderá sua força.

Buscarei, então, pastagens distantes

- lá onde o ódio não tem teto para repousar.

Ali, erguerei uma tenda junto aos bosques,

Todas as tardes me deitarei na relva,

e nos dias silenciosos farei minha oração.

Meu eterno canto de amor:

expressão pura de minha mais profunda angústia

Nos dias primaveris, colherei flores

para meu jardim da saudade.

Assim externarei a lembrança de um passado sombrio.

Frei Tito de Alencar
Paris, 12 de outubro de 1972

MEMORIAL FREI TITO

Concepção, Roteiro e Fundamentação Histórica
Régis Lopes e Martine Kunz

Apoio de Concepção
Lúcia Rodrigues Alencar Lima

Projeto Cenográfico
Xiquinho Aragão

Pesquisa Histórica
Zózimo Neto Cavalcante Ricarte

Apoio de roteiro e pesquisa
Kênia Sousa Rios
Núcleo Educativo do Museu do Ceará:
Alexandre Oliveira Gomes
Carolina Ruoso
Cláudia Pires O. Lopes (coord.)
Daniel da Silva Maciel
Keulla Rivéria L. Xavier
Raquel Machado da Silva
Cynara Bezerra Marques

Serviços de Carpintaria
Francisco de Assis Alves da Silva
Giliarde Coelho dos Santos
Francisco Paulo de Sousa

Serviços Gerais
Claudeniso T. Nascimento
José Cláudio Lucena
Fco. Cleirton da Silva
Antonio Araújo da Silva
Sebastiana Ma. G. de Queiroz

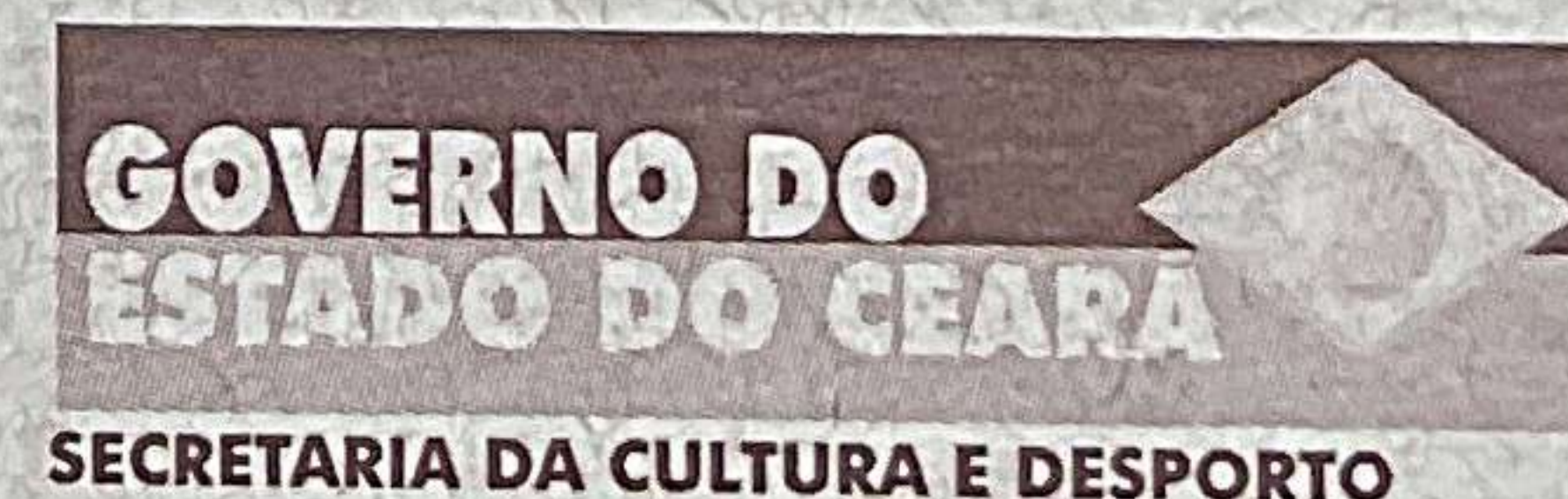
Apoio Administrativo:
Cláudia Pires
Vânia Ma. Gondim Capasso

Doação do acervo para o memorial:
Ildefonso Rodrigues Lima Filho
João Rodrigues Alencar Lima
Lúcia Rodrigues Alencar Lima
Nildes Alencar Lima

Apoio:

Adital - Agência de Informação Frei Tito para a América Latina
Anote - Agência de Notícias Esperança
Anpuh (CE) - Associação Nacional dos Professores de História
Associação 64/68 - Anistia
Associação dos Amigos do Museu do Ceará
Cáritas Regional
C.A. de História Caldeirão - UECE
C.A. de História Frei Tito de Alencar - UFC
Departamento de História - UFC
Departamento de Letras Estrangeiras - UFC
Escritório Frei Tito de Alencar - Direitos Humanos e Assessoria Jurídica Popular
Escuta - Espaço Cultural Tito de Alencar
Espla
Fetraece
Iphan (4ª Superintendência Regional)
Imopec (Instituto da Memória do Povo Cearense)
Lagarta Pintada Escola Creche
Sindicado dos Jornalistas Profissionais no Ceará.

Realização:



MEMORIAL FREI TITO

ABERTURA:

28 de fevereiro, quinta-feira, 19:00

Local: Museu do Ceará
Rua São Paulo, n. 51.

Seminário

DIÁLOGOS COM FREI TITO

palestras com:

Frei Betto

**Frei Fernando Brito e
Frei Oswaldo Rezende**

01 de março, sexta-feira

manhã: 08:00 às 12:00

tarde: 14:00 às 18:00

local: Auditório do Seminário da Prainha
Av. dom Manuel, n. 03

Inscrições para o Seminário:

Museu do Ceará

Seminário da Prainha - ITEP

C.A. de História Caldeirão - UECE

Departamento de História - UFC

Lagarta Pintada Escola-Creche

Cáritas Regional